

## DESAFIOS DO ENVELHECIMENTO: AGEÍSMO E SEUS EFEITOS NA QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS - UMA REVISÃO DA LITERATURA

Caroline Gomes Santos<sup>16</sup>

Gesine Mizevski<sup>17</sup>

<https://doi.org/10.58086/8kk2-hf90>

### Resumo

O ageísmo tem ganhado destaque ao longo das décadas e tornou-se um desafio significativo em uma era de envelhecimento demográfico. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre o fenômeno do ageísmo e os possíveis impactos nas relações, saúde e nos mais variados contextos do envelhecimento. Os dados foram coletados nas bases de dados Lilacs, CAPES e Scielo, utilizando o cruzamento de palavras-chave “Ageísmo”, “Preconceito”, “Idade” e “Envelhecimento”. A amostra final foi composta por 6 artigos. Por fim, destacaram-se fatores associados ao ageísmo e suas consequências, abrangendo conhecimento prévio sobre o ageísmo, determinantes sociais e vulnerabilidades, diferenças intergeracionais, direitos básicos, práticas ageístas, resultados e prejuízos e sentimentos negativos.

**Palavras-chave:** Ageísmo; Idade; Envelhecimento; Preconceito.

### Introdução

A temática do envelhecimento está assumindo novas proporções ao longo das décadas e ocupa um lugar de protagonismo em uma época de envelhecimento demográfico, estabelecendo-se como um dos maiores desafios para a contemporaneidade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população brasileira segue a tendência de envelhecimento da população. Na pesquisa de projeção da população em 2018 a proporção de

---

<sup>16</sup> UNASP, Brasil. Centro Universitário Adventista de São Paulo, SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7862-1665>

<sup>17</sup> UNASP, Brasil. Centro Universitário Adventista de São Paulo, SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3097-2084>

aumento da população idosa era de 9,2% (19,2 milhões), todavia, estima-se que em 2060 o aumento da população com 65 anos ou mais, seja de 25,5% (58,2 milhões de idosos). (IBGE, 2018)

De acordo com Ramos (2000) a ideia de que a velhice é o fim de um ciclo faz com que esse grupo abdique de seus direitos, como se perdessem sua condição humana. No entanto, o Estatuto do Idoso (2003), definido pela Lei Federal de nº 10.741, garante e regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. De acordo com o Art 2º:

*“A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.”*

Quando a velhice se tornou objeto de conhecimento, passou a ocupar um lugar marginalizado, sendo traduzida como decadência, etapa final de existência, conclusão de quaisquer potenciais de crescimento (Ramos, 2000). Todavia, com a propagação de estudos científicos sobre a temática, muitos problemas considerados inevitáveis podem ser entendidos como resultantes de um estilo de vida ou doenças, não do envelhecimento. (Papalia e Feldman, 2013)

As autoras Fechini e Trompieri (2012) descrevem dois tipos de envelhecimento, sendo o envelhecimento primário, um processo gradual e inevitável de deterioração física que não pode ser evitado; e envelhecimento secundário, resultado de doenças, abusos e maus hábitos que geralmente podem ser evitados. Ainda neste contexto, para Erikson (1964), psicólogo do desenvolvimento, mesmo com as funções físicas enfraquecidas, o indivíduo deve manter um envolvimento vital na sociedade. A integridade do Ego resulta da junção entre reflexões sobre o passado e contínuos estímulos e desafios, quer seja por meio do trabalho, lazer ou relacionamentos interpessoais. (Verissimo, 2002)

A presença de estereótipos na velhice normalmente leva as pessoas a acreditarem que esta etapa se trata de solidão e isolamento. Porém, de acordo com Freitas (2011) a maioria dos

idosos mantêm um círculo íntimo de confidentes e esses relacionamentos são mais importantes do que nunca para seu bem-estar e ajudam na manutenção da função mental e da memória.

Segundo a teoria do comboio social, à medida que os adultos envelhecem, mantêm os seus níveis de apoio social ao identificarem os membros do seu círculo de convívio que podem assisti-los e distanciam-se daqueles que não os dão apoio (Papalia e Feldman, 2013). O apoio emocional ajuda as pessoas mais velhas a manter satisfação pela vida e melhorar a saúde, enquanto relações difíceis, desagradáveis e conflituosas tendem a acelerar o declínio cognitivo e físico, bem como o isolamento e a solidão. Assim como em outras fases da vida, relacionamentos sociais seguem lado a lado com a saúde e sentimentos de inutilidade podem ser um fator de risco para deficiências e mortalidade. (Papalia e Feldman, 2013)

Podemos entender velhice como uma construção social, um fenômeno complexo, visto que a familiarização das categorias etárias só começou a ser regularizada a partir do século XIX, quando diferenciações entre as idades, especialização de funções, hábitos e espaços relacionados a diferentes grupos etários passaram a ser difundidos (Silva, 2008). Logo, conceitos como jovem ou velho, dependem do contexto, cultura e propósito no qual são visualizados, já que culturas diferem em como demarcam o conceito de velhice, vida adulta intermediária e juventude, bem como as normas e expectativas que possuem sobre estes estágios da vida (OMS, 2021). Desse modo, este fenômeno segue refletindo nas mais diversas áreas e campos das esferas sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade, uma vez que esta população, assim como os demais grupos, possuem necessidades e demandas específicas para se estabelecerem condições de vida efetivas. (Siqueira et. al, 2002)

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), define ageísmo como um fenômeno social multifacetado decorrente de estereótipos, preconceito e discriminação em relação aos outros ou a si mesmo com base na idade. Neste contexto, a idade passa a ser uma característica das quais primeiro se observa em uma pessoa e este é um fator construído desde a infância. A partir do conhecimento da criança sobre a sociedade na qual está inserido, apreendem-se também a cultura dos estereótipos de idade, que são internalizados e direcionam seus comportamentos (OMS, 2021). Um estudo realizado mostrou que crianças da pré-escola, em seu contato inicial com as fases do desenvolvimento humano, compreenderam pessoas idosas como desamparados, incapazes de autocuidado e geralmente em posições de passividade (Seefeldt et. al, 1977). Tais concepções disseminam práticas ageístas e, como cita Simone de Beauvoir

(1970) (...) *a velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar.*

De acordo com o gerontologista norte-americano Robert Neil Butler (1980), o termo *ageism* (ageísmo) pode ser comparado às demais formas de preconceito, como racismo e sexismo, quanto aos reflexos que tais práticas apresentam no reforço de estereótipos e preconceitos institucionalizados. De acordo com o autor, existem três aspectos interrelacionados ao problema do ageísmo: 1) atitudes preconceituosas que abrangem idade e o processo de envelhecimento, sendo que essas atitudes podem ser perpetuadas pelos próprios idosos em relação a si mesmos; 2) práticas discriminatórias para com os idosos, nos contextos de trabalho e outros papéis sociais; e 3) políticas públicas e práticas institucionalizadas, que indiretamente, transmitem estereótipos sobre os idosos que culminam em uma redução de suas oportunidades para uma condição de vida adequada, além de comprometer sua dignidade pessoal. Dessa forma o ageísmo pode ser compreendido como institucional, interpessoal e autodirigido e pode refletir na dificuldade de autoaceitação e mesmo de rejeição, de seu próprio envelhecimento. (Rodrigues e Soares, 2006)

Neste cenário em que o ageísmo se faz presente nas mais diversas facetas e contextos de uma sociedade, é necessário olhar para a velhice para além dos estereótipos concebidos sobre idade, mas para uma realidade congruente e verdadeira que comporte suas características multifacetadas, a fim de produzir práticas que protejam o envelhecimento, oferecendo condições favoráveis para uma qualidade de vida boa onde os idosos possam desenvolver o máximo de suas potencialidades, sejam estas: viver, sentir ou amar, trabalhar, produzindo bens e serviços, através de estratégias e intervenções que sejam operacionalizáveis. (Ruffino Netto, 1991)

Contudo, a constatação da ausência de estudos que abordam os impactos de práticas ageístas sobre os diversos aspectos do envelhecimento, tais quais saúde física, saúde mental e bem-estar social foram cruciais para direcionar o conteúdo deste estudo. Diante disto, este artigo visa investigar a produção acadêmica, mediante revisão sistemática da literatura, em relação ao fenômeno do ageísmo e, se este fenômeno traz prejuízos em âmbitos de relacionamento, saúde e demais fatores que compõem o processo de envelhecimento. Sendo estes, autoestima, ansiedade, qualidade de vida e relações sociais nos mais variados ambientes.

### Método

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura organizada em etapas. No primeiro momento, considerou-se a pergunta de pesquisa: quais os prejuízos provocados pelo ageísmo em âmbitos de relacionamento, saúde e demais fatores que compõem o processo de envelhecimento? Por meio dela, estabeleceram-se critérios de inclusão e exclusão. O estudo foi realizado seguindo as recomendações do método *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*, PRISMA (Page et. al, 2020) no caráter descritivo, as bases de dados consultadas foram: Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), CAPES (CAPES periódicos) e Scielo (*Scientific Eletronic Library Online*), que comportam periódicos científicos de áreas como a Psicologia e afins.

Utilizou-se o cruzamento das palavras-chave “ageísmo” selecionado no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com os descritores “preconceito, idade e envelhecimento” com o uso do operador *booleano* AND. As buscas foram realizadas sem a seleção de filtros nas bases de dados, todos os artigos encontrados foram armazenados via utilização do *software* Zotero. A partir das funcionalidades do programa, os processos de seleção e exclusão de artigos com base nos critérios de inclusão e exclusão foram executados. Os critérios de inclusão definidos foram: a) artigos que representam a multiplicidade do fenômeno do envelhecer; b) apresentar idosos a partir dos sessentas anos como sujeito de representação; c) artigos com a temática do ageísmo; d) artigos publicados nos idiomas português e espanhol; e) estudos publicados entre 2016 e 2022; f) estudos primários (estudos quantitativos, comparativos e randomizados); g) artigos em texto integral de acesso livre e gratuito na internet. Os critérios de exclusão foram: a) estudos com representação de idosos como sujeito secundário; b) produções científicas não veiculados nos meios usuais de publicação, como teses e dissertações; c) estudos qualitativos, estudos de caso, relato de experiência, estudos teóricos e revisões sistemáticas.

Em seguida foi realizada a leitura de títulos e resumos dos estudos, restando 83 artigos possivelmente relevantes. Foram excluídos 62 títulos por não cumprirem o objetivo da pergunta orientadora e os critérios de inclusão descritos. Um total de 21 artigos foram selecionados para leitura completa. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, obteve-se uma amostra final de 6 artigos (Figura 1). A seguir, procedeu-se a uma nova leitura na íntegra dos artigos da

amostra, a partir do formulário pré-estruturado, que constam: autores, ano de publicação, delineamento de estudo e principais resultados referente ao ageísmo. Após a sistematização, procedeu-se à análise qualitativa com leitura dos achados e extração de fragmentos, conforme apresentados nos resultados e conclusão. Utilizou-se como suporte à análise o *software* Atlas-TI.

### Resultados

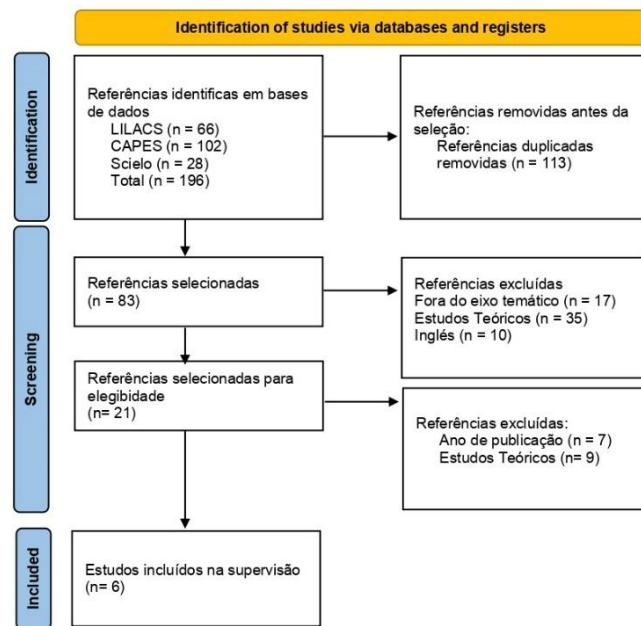
Foram selecionados 6 artigos na amostra final; todos estavam escritos na língua portuguesa (100%). O ano de publicação variou de 2016 a 2022. O ano com maior número de publicações foi, 2016 e 2020, ambos representando 33,3% da amostra.

Os estudos analisados foram agrupados por categorização e códigos e indicam os fatores de risco associados à qualidade de vida de pessoas idosas, tanto aspectos individuais, quanto sociais, podendo ser assim elencados: (1) Conhecimento Prévio sobre o ageísmo; (2) Determinantes sociais e vulnerabilidades; (3) Diferenças geracionais; (4) Direitos básicos; (5) Práticas ageístas; (6) Resultados e prejuízos; (7) Sentimentos negativos. (Tabela 1.)

Para a aferição do ageísmo, dois artigos utilizaram a escala *Ageism Survey* em uma versão adaptada para o contexto brasileiro associada a perguntas subjetivas, um artigo utilizou a Escala de Ageísmo no Contexto Organizacional (EACO), um artigo utilizou dados do Estudo Longitudinal de Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil), um artigo utilizou a Escala do Clima Intergeracional do Ambiente de Trabalho (ECIAT), um artigo utilizou a Escala Brasileira de Solidão (UCLA-*Loneliness*) associada a perguntas subjetivas. Entre os principais temas apresentados têm-se a avaliação de fatores associados ao isolamento, relações intergeracionais, fatores protetivos baseados na legislação e as influências do ageísmo. Todos os artigos apresentaram resultados acerca da influência do ageísmo em algum processo de envelhecimento, conforme apresentado na Tabela 2.

**Figura 1.**

*Diagrama de fluxo PRISMA 2020 processo de seleção de artigos.*



*Nota.* Recurso gerado do PRISMA (Page et. al, 2021)

**Tabela 1.**

*Resultados dos códigos e codificações.*

	CONHECIMENTO PRÉVIO SOBRE O AGEÍSMO GR=9	DETERMINANTES SOCIAIS E VULNERABILIDADES GR=12	DIFERENÇAS GERACIONAIS GR=7	DIREITOS BÁSICOS GR=14	PRÁTICAS AGÉSTAS GR=31	RESULTADOS E PREJUÍZOS GR=53	SENTIMENTOS NEGATIVOS GR=14	TOTAIS
Perfil sociodemográfico e narrativas de pessoas idosas que já viviam a solidão antes da pandemia do covid-19 GR=54	0	1	0	0	4	8	7	20
Ageísmo: um estudo com grupos de GR=66	3	3	0	6	8	13	3	36
Ageísmo: percepção de pessoas idosas usuárias do cras GR=22	3	1	2	1	9	14	4	34
Análise fatorial confirmatória da escala de ageísmo no contexto organizacional GR=9	1	1	1	2	4	4	0	13
Ageísmo e relações intergeracionais GR=8	0	0	3	0	3	5	0	11
Estatuto do idoso: análise dos fatores associados GR=26	2	6	1	5	3	9	0	26

**Tabela 2**

*Síntese sobre os principais resultados segundo ano de publicação e delineamento de estudo.*

Estudo	Ano	Delineamento do estudo	Objetivos	Principais resultados
<b>Fernandes-Eloi et. al</b>	2022	Escala Ageism Survey; estatística descritiva e bivariada; análise de conteúdo do tipo categorial temática.	Avaliar o preconceito contra idade vivenciado por pessoas idosas usuárias de um Centro de Referência de Assistência Social (Cras).	Existe uma maior prevalência de discriminação contra os idosos no que diz respeito à associação da dor à idade, ao fato de serem demasiado velhos para fazer alguma coisa e ao paternalismo. Os idosos participantes do estudo tendem a não perceber essas atitudes como uma forma de preconceito e/ou discriminação. É necessário um maior investimento na desnaturalização do ageísmo, tão presente no cotidiano das pessoas idosas.
<b>Paiva, Sobreira e Lima</b>	2021	Análise Fatorial Exploratória, Análise de Cluster e Regressão Linear Múltipla.	Identificar percepções e atitudes de ageísmo em uma organização do setor público.	Resultados apontam para a existência de um ambiente de trabalho saudável para todas as gerações, por meio da transmissão de sentimentos de respeito e da importância de uma boa comunicação entre funcionários, independente de sua geração. A presença de ageísmo foi identificada nos fatores "Falta de Estereótipos Geracionais" e "Retenção Intergeracional no Local de Trabalho".
<b>Rozendo</b>	2016	Aplicação de teste do Ageism survey	Analisar as formas de manifestação do Ageísmo em idosos frequentadores de grupos de Terceira Idade. E identificar se a Terceira Idade, inserida na lógica de gestão do envelhecimento no Brasil, estaria exposta a esse tipo de discriminação e como enfrentam tal fenômeno.	Os idosos que sofreram discriminação e exclusão ao longo da sua vida podem não considerar o Ageísmo como uma questão significativa no processo de envelhecimento. A terceira idade é percebida como uma fase de acesso a direitos, produtos e serviços que são entendidos como melhorias na qualidade de vida, ofuscando qualquer percepção de discriminação ou exclusão. A questão do envelhecimento não tem sido entendida pelos idosos como um problema tão grave como no hemisfério norte.
<b>Rocha et. al</b>	2016	Análise fatorial confirmatória (AFC)	Buscar novas evidências acerca da estrutura da EACO, por meio da	Os trabalhadores mais jovens apresentaram atitudes mais negativas

			Análise Fatorial Confirmatória (AFC).	em relação ao envelhecimento nas organizações.
<b>Bomfim e Camargos</b>	2022	Estudo transversal e exploratório, que utilizou dados do Estudo Longitudinal de Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil) realizado nos anos de 2015 e 2016.	Analisar os fatores associados ao conhecimento do Estatuto do Idoso pela população brasileira não institucionalizada com 60 anos ou mais.	A população idosa brasileira com 60 anos ou mais tem maior chance de conhecer o Estatuto do Idoso se for mais escolarizada, se for do sexo feminino e se for da região Sudeste do Brasil.
<b>Bezerra et. al</b>	2021	Abordagem mista, do tipo transversal e de natureza analítica.	Descrever a percepção de solidão vivenciada por pessoas idosas residentes em duas Instituições de Longa Permanência do Distrito Federal antes do contexto pandêmico.	Pessoas idosas institucionalizadas já percebiam situações de solidão pré pandemia. A quarentena evidencia a marginalização a que estas pessoas idosas estão submetidas, em um contexto de naturalização das suas diferenças. A maioria dos participantes apontaram não se sentirem próximos a ninguém e suas relações sociais são, na maior parte das vezes, superficiais.

### Discussão

A partir da análise dos artigos incluídos foi possível identificar fatores de risco que associados à qualidade de vida de pessoas idosas, podem, potencialmente, provocar prejuízos na construção de um envelhecer significativo e saudável, vinculado de forma objetiva, ao ageísmo. Sendo este, responsável pela disseminação de atitudes direcionadas a grupos específicos em função da idade, englobando preconceitos e estereótipos. (Helal e Viana, 2021)

O envelhecimento, como fenômeno multifacetado, é um processo complexo que engloba mudanças biológicas, transformações psicológicas, sociais e culturais, portanto, biopsicossocial (Miguel, 2014). Sua definição se modifica de acordo com diferentes perspectivas e disciplinas, o que ressalta ainda mais sua complexidade (Blessmann, 2003). Sob uma perspectiva biológica, o envelhecimento pode ser compreendido como um conjunto de mudanças fisiológicas que ocorrem no organismo a longo prazo (Rougemont, 2016). Já do ponto de vista psicológico, o envelhecimento envolve o desenvolvimento e a adaptação das habilidades cognitivas, emocionais e sociais ao longo da vida (Dawalibi et. al, 2013). Além disso, aspectos sociais e culturais também desempenham um papel fundamental na compreensão deste

fenômeno, uma vez que normas, valores e expectativas atribuídas às diferentes idades variam entre culturas e sociedades (Malloy-Diniz et. al, 2013).

Algumas pesquisas destacaram a relação de determinantes sociais e vulnerabilidades, como variáveis de gênero, nível educacional, raça e etnia, estado civil, dependência econômica e local de moradia, como pontos centrais para determinação de um bom processo de envelhecimento, além de influenciarem diretamente no reconhecimento de direitos e práticas discriminatórias em função da idade (Araújo et. al, 2020; Rozendo, 2016; Fernandes-Eloi et. al, 2020; Siqueira-Brito et. al, 2016; Bomfim e Camargos, 2022). Isso acontece devido à junção de fatores de vulnerabilidades que acabam por ofuscar outras formas de preconceito direcionadas a pessoas idosas, uma vez que essas pessoas lidam com outras formas de discriminação (Bomfim e Camargos, 2022). A literatura estudada revela que a maioria das amostras se constitui por mulheres, sendo este o grupo mais exposto ao ageísmo, pardos ou pretos, baixa escolaridade, baixa renda, condições demográficas, como residências em áreas rurais e residentes de instituições de longa permanência e condições crônicas de saúde. Todos esses determinantes aumentam as chances de discriminações pela idade. (Araújo et. al, 2020; Rozendo, 2016; Fernandes-Eloi et. al, 2020; Siqueira-Brito et. al, 2016; Bomfim e Camargos, 2022)

Tais fatores estabelecem situações onde o objetivo principal não é somente elencar as diferenças entre os grupos sociais, mas são como marcadores de desigualdades que acontecem em um ciclo sistemático, provocando caminhos que nem sempre encontrarão o envelhecimento como destino final para grupos de minorias (Francisco, 2022). Na pesquisa realizada por Bomfim e Camargos (2022) constata-se a importância do reconhecimento de direitos como fonte de proteção e mecanismo de adaptação, bem como o papel do Estado na luta contra o ageísmo e prejuízos resultantes de vulnerabilidades. Concomitante ao aumento populacional, ações governamentais no Brasil começaram a ser difundidas, a fim de garantir direitos e condições mínimas de vida para a população idosa, um exemplo disso é o Estatuto do Idoso (Indalencio, 2007). Essa população está exposta a circunstâncias que impactam significativamente sua saúde e condições de vida, como a violência e questões relacionadas ao acesso e à qualidade dos serviços de saúde. (Koerich, 2018)

Entretanto, existe uma lacuna entre a garantia de direitos e o entendimento das legislações existentes. A falta de conhecimento, baixa compreensão e conscientização do idoso sobre seus direitos, principalmente os de menor condição socioeconômica, tendem a limitar o exercício desses direitos, além de promoverem um impacto significativo na qualidade de vida

dos idosos (Viana et. al, 2020). Paralelo a isso, reflete-se a negligência de um Estado figurativo, que falha na efetividade da proteção de uma população cada vez mais preponderante. Como resultado, outorga-se a legislação de um país que promove obstáculos para o exercício dos direitos dos idosos, como uma clara demonstração do ageísmo institucional (Teixeira e Souza, 2018).

Os estudos analisados também identificaram que uma parte significativa dos participantes não se percebe como velha. A negação do próprio envelhecimento é também uma forma de ageísmo, ligada ao estereótipo de que ser velho é algo negativo (Rozendo, 2016; Fernandes-Eloi, 2020; Siqueira-Brito, 2016; Bomfim e Camargos, 2022). O ageísmo manifesta-se de forma inconsciente e sutil, favorecendo para que os indivíduos mais velhos possam ser vítimas de discriminação com base na idade sem que percebam. Essa falta de percepção ocorre porque algumas práticas ageístas tornaram-se naturalizadas e aceitas socialmente (Fernandes-Eloi et. al, 2020). A infantilização, o uso de eufemismos e o paternalismo são exemplos da dessensibilização do ageísmo, que, longe de serem inofensivas, acentuam o sofrimento e a vulnerabilidade na velhice. Como resultado, os idosos enfrentam não apenas o isolamento social, mas também o sofrimento psicológico decorrente dessas formas de discriminação enraizadas na sociedade. (Osório, 2014)

Uma consequência significativa descrita em algumas pesquisas destaca o sentimento generalizado de solidão como um dos prejuízos à qualidade de vida, estando este diretamente relacionado ao ageísmo (Araújo et. al, 2020; Rozendo, 2016; Fernandes-Eloi et al. 2020). Muitos idosos carecem de relacionamentos dotados de proximidade e ligações significativas, independente das gerações com as quais se estabelecem. A escassez de relações duradouras e profundas resultam em um profundo sentimento de isolamento e privação, caracterizado por um sentimento de exclusão. O isolamento social de idosos é uma das consequências desta nova forma de estar no mundo, e diz respeito à diminuição na qualidade e quantidade das interações sociais. (Bezerra, 2021)

A solidão é responsável por prejudicar outras formas de expressão e desejos nutridos por eles, como a necessidade de pertencimento em uma comunidade, de se envolverem em atividades gratificantes e de contribuírem com os seus conhecimentos e competências (Bulla et. al, 2007). O mesmo estudo elenca, a partir da análise dos discursos dos participantes, a associação da dor ao envelhecimento, serem vistos como extremamente velhos e o fenômeno da infantilização e paternalismo, como sendo particularmente prejudicial e decorrentes de falas

de terceiros proferidas a eles (Fernandes-Eloi et. al, 2020). Nesta perspectiva, evidencia-se que as relações sociais promovem o bem-estar na velhice e a ausência deste convívio pode causar efeitos negativos na capacidade cognitiva geral. Quanto maior o contato com outras dimensões sociais, maiores as chances de produção de hábitos saudáveis, controle social e satisfação psicológica (Almeida, 2019). Em qualquer fase da vida, incluindo a terceira idade, é fundamental ter relacionamentos que contribuam para o desenvolvimento humano. Ao chegarmos à velhice, é essencial conhecermos nossos limites, explorarmos nosso potencial e sermos capazes de lidar com eles de maneira socialmente significativa. (Pereira, 2019).

A banalização destes estereótipos e preconceitos, constroem a imagem de que os adultos mais velhos precisam ser tratados como frágeis, incapazes ou como fardo. Esta estigmatização e marginalização podem provocar a perda de dignidade, autoestima e capacidade de agir, exacerbando os desafios emocionais e psicológicos enfrentados pelos indivíduos mais velhos (Júnior, 2019). São perspectivas encontradas no cotidiano das relações interpessoais e institucionalizadas em políticas públicas que atrasam a construção de uma sociedade mais prospectiva que entenda o idoso como capaz de exercer papéis e funções que denotam valor social gratificante. (Bezerra, 2021)

Na sociedade atual, existe uma procura cultural crescente por uma juventude utópica, para manter-se jovem e ativo em troca da aceitação social, havendo assim, um impacto significativo na auto-percepção e no bem-estar dos indivíduos (Fernandes-Eloi et. al, 2020). Essas exigências surgem nos locais de trabalho, onde coexistem diferentes gerações. O preconceito com relação a idade e atitudes negativas são mais fortes no público de trabalhadores mais jovens. (Paiva, 2021; Siqueira-Brito et. al, 2016)

O envelhecimento populacional apresenta mudanças na força de trabalho, com uma variedade múltipla de gerações a trabalharem em conjunto, o que gera atenção para as questões geracionais nos locais de trabalho (Paiva, 2021). Alguns dos desafios enfrentados pelos adultos mais velhos incluem a falta de interesse das gerações mais jovens em estabelecer vínculo com colegas mais velhos, maior incidência de queixas, assimetria nos modos de execução das tarefas e percepções de menor qualidade quando se trabalha com um público da mesma idade (Paiva, 2021; Siqueira-Brito et. al, 2016). Assim, é importante assentir que as gerações mais jovens têm maior acesso a fontes externas de informação, incluindo as novas tecnologias e esta representatividade pode servir como oportunidade para ajudar essa população a aceder aos direitos e outros recursos (Goldani, 2010).

Dessa forma, a velhice, entendida como um constructo social, ascende como resultado de um processo contínuo de socialização e manejo, esta transformação mobiliza a sociedade a abordar a temática com mais frequência, ampliando os horizontes para além do privado e familiar (Araújo et. al, 2020). Todavia, como consequência, instituições governamentais buscam implementar um mercado de consumo que diminui as individualidades. Esse fator contribui para um processo de desresponsabilização dos idosos, comprometendo seu potencial de reconhecimento e de solidariedade intergeracional na sociedade. (Santos e Fátima, 2013)

A condição de submissão, vivenciada por eles, resulta em uma crescente onda de exclusão social (Araújo et. al, 2020). Os estudos analisados denotam em seus resultados as dimensões da solidão como seguimento a experiências de alienação, influenciadas pelo abandono (Araújo et. al, 2020; Fernandes-Eloi et. al, 2020). Para além da solidão, os idosos são alvos de piadas, são ignorados ou não levados a sério, são rotulados como velhos, enfrentam rejeição, encontram profissionais da saúde que atribuem todas as doenças à velhice e recebem sugestões de que são velhos demais para realizar certas atividades. (Neves, 2012)

De acordo com a pesquisa de Fernandes-Eloi et. al (2020) a maioria dos idosos participantes sentiram-se mais respeitados depois de atingirem 60 anos e manterem uma participação constante em grupos de idosos. Entretanto, 44,7% da amostra revelou ter sofrido pelo menos alguma forma de violência, indicando, violência psicológica, violência mista, violência física e violência financeira.

Assim, é evidente que a tentativa de adaptação ao envelhecimento leva muitas vezes a práticas sociais que visam aliviar as tensões vividas no cotidiano, mas acabam por estigmatizar uma prática preconceituosa e ageísta (Oliveira, 2022). Existe uma obsessão quase romantizada pela juventude que mina o valor e a sabedoria que advém das individualidades, privando a sociedade de perspectivas diversas, além de reforçar uma compreensão cristalizada do que significa envelhecer.

### **Considerações Finais**

Conclui-se que o aumento da população idosa no Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) coloca em pauta a ascensão de práticas ageístas. Através dos estudos analisados, podemos enfatizar a importância do Estatuto do Idoso na garantia e regulamentação dos direitos dos idosos, a necessidade de reconhecimento de

estereótipos e preconceitos relacionados a idade, destacando a importância do apoio social na saúde e bem-estar. Diante disso, a revisão ressalta a importância de olhar para a velhice além dos estereótipos e convicções negativas, procurando assim compreender a realidade do processo do envelhecimento.

No entanto, a amostra de estudos aponta para a escassez de pesquisas que abordem os impactos das práticas ageístas em diferentes aspectos como, saúde mental, bem-estar social, autoestima, ansiedade, saúde física, qualidade de vida e relações sociais, considerando os prejuízos para processos individuais de envelhecimento, mas apontam para investigações centralizadas na compreensão ou presença do ageísmo. Havendo assim uma necessidade de investigar os prejuízos em diferentes contextos e setores. Sugere-se a criação de uma escala nacional abrangente que avalie outros aspectos do ageísmo, para além do contexto organizacional. Visto que os estudos que utilizaram escalas internacionais como apoio para a pesquisa precisaram dividir a coleta de dados em duas fases, uma utilizando a escala sem alteração e outra utilizando a escala de forma adaptada para o contexto brasileiro.

Dessa forma, devido à limitação de artigos, a análise sistemática dos conteúdos e resultados dos estudos não forneceu uma resposta abrangente à pergunta orientadora de investigação: “Quais os prejuízos provocados pelo ageísmo em âmbitos de relacionamento, saúde e demais fatores que compõem o processo de envelhecimento?” Uma vez que os estudos existentes se concentraram predominantemente em aspectos como a solidão, o acesso aos direitos e a esfera governamental e, o ambiente organizacional.

Por fim, ressalta-se a importância de continuar explorando os prejuízos causados pelo ageísmo, expandindo as áreas de pesquisa e desenvolvendo medidas eficazes. Todos esses atributos contribuirão como armas para o combate dessa forma de discriminação, em busca da construção de uma visão positiva, inclusiva e integral, sendo o idoso protagonista de ações que promovam a qualidade de vida nos mais diversos contextos. Criemos uma ciência que não reforce estereótipos frente à velhice, mas pessoas para combater essa forma de discriminação.

**Agradecimentos:** Agradecemos primeiramente a Deus e às nossas famílias por terem nos apoiado durante todo este processo de trabalho árduo. À nossa orientadora por ser paciente e nos ter ensinado tanto. Por último e não menos importante, à nós mesmas como dupla, por termos sido pilares complementares, pacientes e fonte de motivação.

**Referências**

- Almeida, F. L. D. S. C. P. de. (2019). O Envelhecimento e as relações sociais, políticas e familiares. *Revista Longeviver*.
- Beauvoir, S. d. (1970). *A velhice I. A realidade Incômoda*. Difusão Europeia do Livro.
- Bezerra, P. A. (2021). Histórias de vida de pessoas idosas no Distrito Federal: um olhar sobre o isolamento social na perspectiva teórica do ageísmo. Doi: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41762>.
- Blessmann, E. J. (2003). Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice.
- Bomfim, W. C., Silva, M. C. D., & Camargos, M. C. S. (2022). Estatuto do Idoso: análise dos fatores associados ao seu conhecimento pela população idosa brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 4277-4288.
- Bulla, L. C., Soares, E. S., & Kist, R. B. B. (2007). Cidadania, pertencimento e participação social de idosos - Grupo Trocando Idéias e Matinê das Duas: Cine Comentado. *Ser Social*, (21), 169-196.
- Butler, R. N. (1980). Ageism: A foreword. *Journal of Social Issues*, 36(2), 8–11. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x>
- Siqueira-Brito, A. da R., França, L. H. F. P., & Valentini, F. (2016). Análise fatorial confirmatória da Escala de Ageísmo no Contexto Organizacional. *Avaliação Psicológica*, 15(3), 337-345.
- Dawalibi, N. W., Anacleto, G. M. C., Witter, C., Goulart, R. M. M., & Aquino, R. de C. de .. (2013). Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 30(3), 393–403. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300009>
- Estatuto do Idoso. (2003). *Lei n° 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm)
- Fechine, B. R. A., & Trompieri, N. (2012). O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *InterSciencePlace*, 1(20).
- Fernandes-Eloi, J., de Sousa Silva, A. M., & da Silva, J. (2020). Ageísmo: percepção de pessoas idosas usuárias do CRAS. *Revista Subjetividades*, 20, online-em.
- Francisco, D. A. (2022). “Quem dá as cartas, meu velho?": um estudo sobre a proteção social na velhice.
- Freitas, P. D. C. B. D. (2011). *Solidão em idosos: percepção em função da rede social* (Doctoral dissertation). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/8364>.
- Goldani, A. M.. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação & Sociedade*, 31(111), 411–434. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200007>
- Helal, D. H., & Viana, L. O. (2021). Ageísmo: uma revisão integrativa da literatura em língua portuguesa. *Conhecimento & Diversidade*, 13(29), 171-191.
- Indalencio, M. N. (2007). Estatuto do Idoso e Direitos Fundamentais: fundamentos da proteção da pessoa idosa no ordenamento jurídico brasileiro.

- de Souza Júnior, M. (2019). *Navegando no mar sem fim da Aprendizagem na Terceira Idade: Uma Investigação Acerca do uso das tic e de Inovação Pedagógica* (Doctoral dissertation, Universidade da Madeira (Portugal)).
- Koerich, D. (2018). *Violência Contra a Pessoa Idosa e a Rede de Proteção Social*.
- Malloy-Diniz, L. F., Fuentes, D., & Cosenza, R. M. (2013). *Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. Artmed Editora.
- Miguel, I. (2014). Envelhecimento e desenvolvimento psicológico: Entre mitos e factos. Doi: <http://hdl.handle.net/11328/1495>.
- Neves, C. F. O. (2012). *Estereótipos sobre idosos: representação social em profissionais que trabalham com a terceira idade* (Doctoral dissertation, Universidade da Beira Interior).
- Oliveira, F. H. F. D. (2022). O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema-São Paulo-Brasil.
- OMS. (2021). *Global report on ageism*. World Health Organization Institutional Repository for Information Sharing. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/340208>
- Osório, N. B., Neto, L. S. S., & Duarte, C. S. (2014) Violência contra velhos e apoio psicológico: reflexões acerca das ações políticas e sociais. *Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins – V. 1, n. 01, p. 43-56*
- Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ* 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71
- Page et. al, M. J. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *The BMJ*, 372(71). doi: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Paiva, N. M. F., Sobreira, É. M. C., & de Lima, T. C. B. (2021). Ageísmo e relações intergeracionais em uma organização do setor público. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 26(3), 7-28.
- Pereira, F. L. D. S. C. (2019). O Envelhecimento e as relações sociais, políticas e familiares. *Revista Longeviver*.
- Papalia, D., & Feldman, R. (2013). *Desenvolvimento humano* (12th ed.). AMGH Artmed.
- Ramos, P. R. B. (2000). A Velhice na Constituição. *Revista de Direito Constitucional e Internacional*, (30), 85-105. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br>
- Rougemont, F. (2016). O tempo no corpo: envelhecimento e longevidade na perspectiva anti-aging. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, 23(1 e 2), 36-61.
- Rozendo, A. da S. (2016). Ageísmo: um estudo com grupos de Terceira Idade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(3), 79-89.
- Ruffino Netto, A. (1991). Qualidade de vida: compromisso histórico da epidemiologia. In *Anais*. Salvador: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- dos Santos, N. F., & de Fátima, M. D. R. (2013). As políticas públicas voltadas ao idoso: melhoria da qualidade de vida ou reprivatização da velhice. *Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)*, 10(2), 358-371.
- Seefeldt et. al, C. (1977). Using Pictures to Explore Children's Attitudes Toward the Elderly. *The Gerontologist*, 17(6), 506–512. doi: <https://doi.org/10.1093/geront/17.6.506>

- Silva, L. R. F. (2008). a velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>
- Siqueira et. al, R. L. d. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 899-906. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232002000400021>
- Teixeira, S. M. de O., de Souza, L. E. C., & Maia, L. M. (2018). Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. *Revista Kairós-Gerontologia*, 21(3), 129-149.
- Verissimo, R. (2002). Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf>
- Viana, S. A. A., de Lima Silva, M., & de Lima, P. T. (2020). Impacto na saúde mental do idoso durante o período de isolamento social em virtude da disseminação da doença COVID-19: uma revisão literária. *Diálogos em Saúde*, 3(1).

## CHALLENGES OF AGING: AGEISM AND ITS EFFECTS ON THE QUALITY OF LIFE OF THE ELDERLY - A LITERATURE REVIEW

### Abstract

Ageism has gained prominence over the decades and has become a significant challenge in an era of demographic aging. A systematic review of the literature on the phenomenon of ageism and its possible impacts on relationships, health, and the various contexts of aging was conducted. Data were collected from the Lilacs, CAPES, and Scielo databases, using the crossword keywords "Ageism", "Prejudice", "Ageism", and "Aging". The final sample was composed of 6 articles. Finally, factors associated with ageism and its consequences were highlighted, covering prior knowledge about ageism, social determinants and vulnerabilities, intergenerational differences, basic rights, ageist practices, outcomes and harms, and negative feelings.

**Keywords:** Ageism; Age; Aging; Prejudice.